

CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS E RESISTÊNCIA DO/AO FEMINISMO NO *FACEBOOK*

*Tássia Gimenes*¹

Orientadora: Silmara Dela

Doutoranda

RESUMO: O presente trabalho traz uma discussão acerca das reflexões que estão sendo colocadas para nossa tese de doutoramento em processo de construção. As questões discutidas se referem à temática do feminismo encontrada em páginas no Facebook específicas para esses grupos. Nos interessa aqui a construção discursiva dos comentários “antifeministas” feitos em postagens de grupos feministas. Que posições-sujeito os internautas que comentam ocupam? Quais são as formações imaginárias das feministas no discurso dos antifeministas? E as suas próprias, quando há uma tréplica de feministas? Pensando os imbricamentos discursivos entre as posições de feministas e antifeministas (que diferem de não-feminista) discutiremos a construção de um discurso de resistência, tanto de feministas quanto dos antifeministas. Vale questionar, assim, de que forma a questão de gênero influi em comentários antifeministas, uma vez que observamos que “mais de um século depois da emergência das suffragettes, as feministas continuam a ser desqualificadas como mulheres mal-amadas, feias, (...) ou loucas. Tudo isso contribui para que haja uma má compreensão do que é o feminismo e para que muitas mulheres tenham medo de se proclamar feministas (Coletivo Não me Kahlo, 2016, p. 250)”. Esses comentários por vezes agressivos têm por motivação apenas a questão de gênero? Ou trata-se apenas de um outro olhar que vai de encontro à teoria feminista? Buscamos entender como se dá a interdição do ser feminista e do seu dizer em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência, Feminismo, Facebook, Análise de Discurso.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pela UFF/CAPES (ingresso em 2017). E-mail: tassialgalves@ig.com.br

Nossas primeiras reflexões acerca do que começa a ganhar contornos como nossa tese de doutoramento aparecem nesse artigo inaugural do SAPPIL, nesse momento de transição do mestrado para o doutorado promovendo aprofundamento teórico e avanço no estudo discursivo francês alavancado por Michel Pêcheux, a *Análise de Discurso*.

Aqui pensaremos os comentários antifeministas² deixados em páginas feministas do *Facebook* destinadas a esse público. Propõem-se discutir a construção discursiva dos comentários antifeministas nessa rede social.

De modo a dar o pontapé inicial nessa discussão faz-se necessário pensar o *Facebook* como uma plataforma de angariação de pessoas e ideias. Nela podemos criar um perfil e nos associar ou não às pessoas e também criar páginas, o que delimita uma comunidade dentro do círculo já pré-estabelecido pelo usuário ao selecionar seus “amigos”. Esses nichos se multiplicam e a cada momento separam mais as pessoas. Vale ressaltar nesse sentido que a plataforma possui um algoritmo que visa proporcionar a visibilidade de discursos que interessem ao usuário, fato que cria bolhas discursivas que atam os usuários às formações discursivas bem específicas em suas *timelines*. Quando acessam sua página inicial, em geral, essas pessoas veem mais do mesmo, tendo limitado seus acessos aos discursos que se contra identificam com os seus. Javier Salas explica em *El País* on-line (2015) que:

vivemos na era dos algoritmos. O que nos é mostrado nos resultados do Google, no mural do Facebook ou em outras plataformas é decidido por uma fórmula cada vez mais complexa que seleciona o melhor para satisfazer os interesses do usuário e da empresa. No entanto, ainda há muitos os que pensam que veem *o que existe* e não o que o algoritmo acredita que devem ver. Mas não é assim: em função da interação dos usuários com os amigos e atividade, o Facebook define seus interesses e mostra o que provocará mais interação, para que permaneçam mais tempo na rede e, deste modo, gerem mais receita para a empresa.

No entanto, os algoritmos não impedem os usuários do *Facebook* de

² Entendemos antifeminismo como um movimento de resistência que não só discorda dos pensamentos propostos pelas teóricas dos feminismos, mas também resiste a ele como forma luta por ideais.

procurarem e visitarem outras bolhas e nem mesmo de comentarem em páginas que não são necessariamente do seu interesse. É por essa discussão que passamos para analisar comentários em páginas feministas que fazem ciberativismo. Neste artigo não pretendemos no aprofundar na noção de ciberativismo, no entanto, nos parece razoável evidenciar a crítica que é feita a ele dentro e fora dos meios feministas, uma vez que com o advento da internet os dizeres que circulavam no mundo dito real passam também a circular nesses espaços digitais. Embora consideremos que todo o espaço é produtivo para o pensamento crítico e inclusive para o ativismo, o ativismo feminista pelo *Facebook* pode também ser visto com maus olhos. Dá-se lugar de maior relevância para o feminismo que ocupa as ruas e seus espaços físicos, cujo interesse é agrupar, exercer sororidade e promover discussões pertinentes em coletivos lotados em algum espaço físico das cidades. Assim, o feminismo da internet, do *Facebook*, acaba por sofrer ainda mais críticas que os demais, sendo considerado inútil por sua suposta ineficácia, “seja como for, todas essas críticas são permeadas por um certo tom de desdém, desqualificando o ‘feminismo de internet’ como uma mobilização insignificante em comparação ao ativismo ‘real’, ou seja, aquele feito nas ruas, fora do mundo virtual (2016, p.13). Nós, assim como Mittmann (2011) entendemos que

a circulação, antes limitada a redes menores, a pequenas comunidades, hoje é potencializada. E a possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido a divulgação em grande escala de discursos de denúncias, bem como as convocações aos internautas, ultrapassando fronteiras geográficas e econômicas (op. cit, p.120).

Nessa medida, a possibilidade de as mulheres colocarem suas questões foi aumentada e potencializada por uma rede social que alcança diversas pessoas,

ao militar por meio da rede, sentidos são produzidos no ciberespaço, porém, com o objetivo de atingir o espaço público, o espaço urbano, cidadão. Embora a sociedade em rede passe boa parte de seu tempo conectada ao ciberespaço, as ações esperadas são para serem sentidas no espaço urbano. As polêmicas, os confrontos surgem inicialmente no espaço urbano, depois, pela militância, territorializam-se no ciberespaço, nas redes sociais, nas comunidades virtuais. Ali, circularão e produzirão sentidos, reflexões às questões polêmicas. Após as diversas discussões pela sociedade em rede, as ações voltam a

territorializar-se no espaço urbano, produzindo mudanças na sociedade. (GARCIA; SOUSA, 2014, p.86).

As Teorias Feministas que perpassam a sociedade virtual e também a não-virtual comparecem no trabalho como um dizer sobre a mulher que visa a transformação do seu lugar na sociedade patriarcal em busca de maior representatividade, respeito e equidade de gênero. “Como corrente intelectual, o feminismo combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina. (...) O ímpeto para mudar o mundo estava colado à necessidade de interpretá-lo” (MIGUEL; BIROLE; 2013, p. 07). Daí o entrelaçamento das teorias, análise de discurso e feminismo, apresentada aqui com o propósito de trabalhar os efeitos de sentido do discurso acerca da mulher.

Aqui, em específico estamos pensando as mulheres feministas que se posicionam como ciberativistas e que assim como as feministas que falam de outros lugares são silenciadas e ainda colocadas como ilegítimas. Os estigmas carregados pela palavra feminista/feminismo são muitos e já que para pensar os dizeres antifeministas trilharemos um caminho que tem como recorte a violência, podemos discutir a feminista espantalho, cujo fim é nomear uma formação imaginária das feministas.

Em seu texto: “A Feminista Espantalho e a propaganda antifeminista na Cultura pop”, Vascounto (2016) debruça-se sobre a ideia de feminista espantalho ou “straw feminist” em inglês que para ela é “em suma, (...) uma figura inventada que incorpora todos os estereótipos negativos de feministas. Como parte da propaganda antifeminista, ela funciona tanto no sentido de ridicularizar e descreditar o movimento, como de constranger as mulheres e impedi-las de se juntarem a ele”. Inclusive a autora observa que essa formação imaginária de feminista está de fato arraigada na nossa sociedade, “além da internet, a cultura pop é um dos lugares onde a feminista espantalho se faz mais presente.

De fato, vasculhando a minha memória para identificar da onde veio [essa] visão negativa (...), encontrei várias feministas espantalho do cinema e da televisão (...). Como apontado já no nosso resumo, as feministas espantalho são as mulheres mal-amadas, feias, peludas e loucas da sociedade, aquelas que ousam falar. “‘Ela é louca’ é um eufemismo padrão para ‘eu estou desconfortável com o que ela está dizendo’ (2017, p.138)”. Solnit aponta para o interdiscurso desses dizeres ao explicar que a raiz da

palavra histeria vem da palavra grega que significa útero. “Pensava-se ser causada por um útero deslocado; os homens estavam categoricamente isentos dessa condição ou doença, que hoje significa apenas ser incoerente, estar muito estressado, e talvez confuso. (op. cit, p.136). Para entramos em contato com as sequências discursivas colhidas das páginas feministas do *Facebook* vamos discutir os caminhos metodológicos traçados até então.

Print Screen: um recorte fotográfico

Podemos considerar o *print screen* como uma tecla do computador que permite capturar a imagem da tela e copiá-la. No entanto, buscamos pensar esse recurso disponível nos computadores discursivamente e nos questionar sobre os efeitos que esse tipo de recorte terá sobre as sequências discursivas. Afinal, cada vez que a analista apertar a tecla diante de comentários na página do *Facebook* ocorrerá uma captura de sentidos através da imagem. Como uma foto que estabiliza, prioriza, destaca e também apaga sentidos. Sem nem mencionar os sentidos que estão por vir que serão impedidos e silenciados por uma imagem que sempre remeterá ao passado, seja ela ainda existente na rede social ou não.

A metáfora da foto nos parece pertinente pois uma foto é incapaz de ser o real, ou mesmo de captura-lo, já que é da ordem do inatingível, ela dá conta de apenas alguns sentidos centralizados e delimitados por suas margens. Os cantos que margeiam a foto elencam os sentidos que se colocam e igualmente os que não se colocam e ficam de fora naquelas condições de produção específicas. O silêncio fundante (ORLANDI) se coloca, uma vez que não haveria possibilidade de fotografar sem destacar. Assim como a linguagem tem o silêncio como parte constituinte, a linguagem imagética também, sem os apagamentos e não-ditos não há como fotografar.

Considerando que o discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2009), o *print screen* busca represar o curso desse rio. Ao pé da letra podemos pensar o *print* como uma impressão da tela. Uma fotografia de um exato momento na rede, foto que também é texto congelado, flutua na interseção do dois, imagem/texto. Então como funciona o discurso quando represamos suas margens em uma fotografia por conta de objetivos de análise?

Enquanto imagem o *print* de comentários retrata o todo da tela que foi “printada”, incluindo o que está fora do *Facebook*, além disso também entram na “foto” boa parte do que se vê ao abrir a rede social. Assim, o que cabe no espaço físico dessa imagem restringe bastante a quantidade de comentários “fotografados”. Além dos limites impostos pela configuração da própria plataforma, as respostas aos comentários, as respostas das respostas e as reações não aparecem sem que sejam selecionadas, sendo assim não aparecem previamente, modificando a interpretação do discurso, que será feita pelo analista. Por isso, o fato de usar o *print screen* será tratado como um gesto de leitura e interpretação que traçará a análise teórico metodológica do *corpus*.

Enquanto texto, os comentários demonstram um funcionamento peculiar que merece ser pensado. São comentários que não à toa exprimem juízo de valor a respeito das postagens, são curtos comparados aos outros tipos de materialidades linguísticas, podem ser comentadores por um grande número de pessoas e para citar mais uma de suas características, pode ser editado e apagado pelo usuário da plataforma ou pela moderadora da página se for julgado inapropriado ou irrelevante. O *Facebook* tem sua importância e força social, uma vez que através dele ideias são compartilhadas e discutidas. A

rede é um espaço heterogêneo que se abre para o múltiplo, todavia um múltiplo permeado por relações de poder em que se permitem certos dizeres, mas interditam-se outros; ainda que de forma velada e sob a evidência ideológica de que tudo pode ser dito, certos sentidos tidos como indesejáveis são interditados, interrompidos e descontínuos (GARCIA; SOUSA; 2014, p.85).

Portanto, através desse *prints* pensaremos esses dizeres enquanto discursos de resistência tanto do antifeminista ao feminista quanto o oposto. Essas tensões se dão em conformidade com o que pensa Pêcheux (2009, p. 281) : “não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”.

Efeito de análise

No *print* selecionado para observarmos, vemos como os dizeres se colocam enquanto comentários nessa página que trouxe uma piada sobre homens trocarem lâmpadas e o tamanho de seus egos.



Print Screen 1

No *print* apresentado acima entendemos seu caráter de recorte funcionando de diversas maneiras. Em princípio, vemos que é um recorte do próprio *print*, uma vez que o restante da tela não se faz presente. E no que concerne os comentários sobre a piada postada pela página, notamos que esses não são os comentários iniciais, o que nos faz perceber como o analista privilegia deliberadamente certas sequências discursivas. Vemos a quantidade de curtidas dando apoio as falas e temos acesso à algumas respostas por causa do clique que possibilita a leitura das respostas.

Essas sequências são particularmente interessantes já que não há feministas defendendo seus lugares de fala. Temos uma moça que não se vê como feminista, porém critica os argumentos dos homens antifeministas. Observa-se também como a violência é a via para esses comentários que funcionam no âmbito da desqualificação do outro. Os homens são citados como infantis e sem argumentos contundentes, já a formação imaginária de mulher, ainda que não feminista (segundo a própria), é de uma

mulher que odeia homens, que deveria estar fazendo tarefas de limpeza doméstica e que reclama demais.

Tivemos então uma amostra do funcionamento dos comentários no *Facebook* e de que tipo de análise será feita na tese de doutoramento em construção. Pensar as disputas de sentido entre feministas e antifeministas e como esses discursos se tocam e se constroem mutuamente através do equívoco de quem acham que são, o que acham do(a) outro(a) e o que esses outros (as) projetam como suas imagens passarão por um modo específico de dizer, dizer comentando no *Facebook*. Em meio aos imbricamentos de formações imaginárias os discursos feministas e antifeministas resistem aos dizeres que não consideram parte de sua pauta. Resistir significa resistir ao *status quo* e concomitantemente pode ser resistir a mudança de paradigma.

De todo jeito, via violência mantém-se a má compreensão das propostas feministas que projeta a imagem das feministas como espantalhos terríveis que são difíceis de serem assumidos como lugar de dizer (como vimos) e são criticados retomando memórias do lugar de mulher no patriarcado, silenciosa e caprichosa na limpeza do seu espaço privado do qual não deveria ter ousado tentar sair. O feminismo resiste promovendo páginas de debates feministas e o antifeminismo resiste ao movimento feminista. Mas será essa linha que separa essas formações discursivas e o que pode e deve ser dito nelas é tão cristalizada nessa dualidade assim?

REFERÊNCIAS

COLETIVO NÃO ME KAHLO. *#MEU AMIGO SECRETO: Feminismo além das redes*. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; *Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço*. IN: Conexão Letras. A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos/ Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. - Vol. 9, n. 11. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (org.). *Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2013.

MITTMANN, Solange. Alguns apontamentos sobre militância digital. IN: *Discursos em rede: Práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

VASCOUTO, Laura. *A Feminista Espantalho e a propaganda antifeminista na Cultura pop*. Gelédes: Instituto da mulher negra, 2016. Acessado em: 25/06/2016

SALAS, Javier. Usuários transformam seus murais no Facebook em ‘bolhas’ ideológicas. El País, 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/06/tecnologia/1430934202_446201.html. Acesso em: 10/10/2017.

SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.